

## **A EDIÇÃO GENÉTICA DO FUTURO BIOLÓGICO**

José Luís Garcia

ICS - Universidade de Lisboa

Com as novas técnicas genéticas, com a edição genética, é agora muito mais fácil direccionar qualquer sequência específica de ADN. A edição genética representa, pois, um passo decisivo no projecto de engenharização da natureza e da humanidade. E a edição genética como empreendimento comercial representa um passo decisivo no projecto do supermercado genético.

A edição genética significa a possibilidade de reduzir todos os organismos e seres vivos a informação genética. E a capitalização da edição genética significa poder reduzir os organismos, os seres vivos e as intervenções na saúde a simples valor económico. É este o admirável mundo novo em que já entrámos.

É o mundo das formas de vida como informação, como bio-objects e como mercadoria. É o resultado da conjugação da tecnociência (computadores e biotecnologia) e do capitalismo. A realização do sonho nefasto e inútil de domínio da natureza conjugada com a ganância económica.

Nos finais do século XIX, aconteceu a luta contra a redução dos seres humanos ao estatuto de objects, de seres biológicos que podiam ser comprados e serviam a produção. Foi a luta pela abolição da escravatura. A escravatura tinha uma dimensão económica muito grande nas sociedades modernas e nos impérios coloniais. Era uma dimensão importante do que hoje chamamos globalização económica. O escravo estava reduzido a um corpo produtivo, a uma mercadoria. A sua vida era

considerada somente vida biológica. Neste sentido, podemos dizer que a escravatura foi um primeiro empreendimento de bioeconomia do capitalismo.

Ainda a escravatura é uma prática em alguns lugares do mundo e nos finais do século XX entrámos num segundo empreendimento de bioeconomia capitalista. A edição genética abre ainda mais as possibilidades da transformação da vida biológica em fonte de mercados de futuro biotecnológicos. As promessas da biologia molecular reducionista, das intervenções genéticas na alimentação e na saúde estão construídas na base da co-construção das tecnociências da vida e das políticas neo-liberais. Do que se trata é de criação de bio-mercados e de bio-valor.

As patentes são parte da ideologia do mercado, representam a capitalização do conhecimento científico e tecnológico e estão ao serviço da criação de bio-mercados. As patentes são bio-conhecimento como mercadoria ao serviço da criação de bio-mercadorias inovadoras. Na alimentação e na saúde, e também na comunicação remota. Tudo isto temos assistido durante a pandemia de COVID 19. Estima-se em 20 000 os genes que estão actualmente cobertos por patentes, 4 000 genes humanos. Nem para debelar a pandemia se levantou o regime de patentes.

A desregulação, a falta de responsabilidade, as promessas e a violência - a política da cenoura e do pau - estão todas ao serviço das expectativas de lucro a obter de tecidos, óvulos, células, genes, organismos, sem querer saber das consequências, dos efeitos, sem respeitar precauções, inebriados por este pretense poder humano tecnológico e económico.

Caros amigos, temos de derrotar este empreendimento bioeconómico custe o que custar como a escravatura foi abolida.

## Comentários a questões colocadas no chat.

### Para Graça Passos:

- Concordo que fica na obscuridade o que na verdade implica a agenda biotecnológica. São realmente pouco evidenciadas as consequências da fusão entre capitalismo e tecnociências/indústrias da vida. Uma das razões tem a ver com o prestígio da ciência e o predomínio da mentalidade técnica. A ciência é considerada erroneamente "o" conhecimento, ignorando-se os valores, a prudência, as questões éticas. A tecnologia aparece como a solução de todos os problemas, esquecendo-se o papel das mudanças políticas e das medidas sociais. Outra razão tem a ver com a fragilidade actual da crítica ao capitalismo e à economia de mercado.
- A agenda biotecnológica não pode ser considerada uma agenda oculta. É uma agenda para a indústria de biotecnologia apoiada política e economicamente pelos governos dos Estados Unidos, União Europeia, Japão, China ... Esta não é uma teoria da conspiração. É uma agenda para a formação de uma bioeconomia possibilitada pela constelação das tecnociências da vida e orientada por uma concepção de economia de mercado. Todas as indústrias do século XX seguiram esse caminho. Todas elas produziram enormes mudanças na vida individual e coletiva dos seres humanos e na natureza. O que é "assustador" nas indústrias associadas à biotecnologia é a possibilidade de fazer "bricolagem" com formas de vida biológicas. É o medo da incerteza que está sendo intensificado pela manipulação das formas de vida que evoluíram ao longo de milhares e milhares de anos. A luta pela regulamentação é uma luta pela responsabilidade, considerando os possíveis efeitos nocivos da implementação irrestrita da edição genética via CRISPR.

**Para Eva:**

- É claro para mim que a universidade está comprometida com a "perversão" da ciência. A universidade está muito comprometida com o uso comercial e a orientação da ciência. A luta por patentes é a prova disso.

- Existem vários motivos pelos quais grande parte da universidade está comprometida com a exploração comercial da ciência. Razões epistemológicas: o reducionismo científico articula-se com a aplicabilidade da tecnociência; assentimento dos cientistas à comercialização por motivos ligados ao carreirismo universitário; adesão dos cientistas à privatização do conhecimento e da tecnologia (exemplo: start ups); pressão sobre a universidade impulsionada pela indústria e pelos governos. Etc.